

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Director e Proprietario

AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE

Composiçao e impressao—Typ. do OVARENSE

—* Rua da Graça—OVAR *

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna
Anuncios e comunicados, 50 reis; repeticoes 25 reis
Anuncios permanentes, contracto especial
Os srs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento
Preço de cada jornal avulso 20 reis

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) 15000 reis
Com estampilha (quatro) 15000 reis
Para fora do reino acresc. e parte do correio.
Anunciam-se obras litterarias, remettendo-se dois exemplares
Redacção e Administracão—R. da Graça, OVAR

A politica

LIBERDADE

Desde os tempos mais remotos da humanidade, envolta no seio do pantheismo materialista, presa a mais sordida das escravidões, a escravidão das castas, até ao homem dos nossos dias, culto, senhor dos seus actos, conscio dos seus direitos e regalias, interpõe-se um abismo, um mar de sangue, derramado sempre a favor da liberdade.

O christianismo, descendo do Golgotha, infiltrou no coração do escravo a consciencia da sua liberdade, apertada entre dois muros intránsponiveis, a escravatura greco romana e a auctoridade divina e hereditaria dos imperadores pagãos.

E desde a infancia, deante dos nossos olhos se tem erguido, sobranceando sempre a cruz da nossa vida, a cruz divina da Redempção; aprendemos, desde creança, a chorar, sossinhos, ao pé da cruz, lagrimas que teem servido no caminho aspero da vida, para a nossa alma, como rocio, para campos requemados. Nossas mães disseram-nos que essa cruz tivera fome e que era essa cruz que creava os seres; disseram-nos que essa cruz tivera sede ardente e que era ella que derramava as aguas sobre a terra; que tivera frio e dera calor ao sol e ás estrellas; que essa cruz morrera e fora ultrajada, sendo ella o centro de todas as vidas e de todas as virtudes. E nós choravamos as desgraças d'um Deus sem as comprehendermos, porque nascendo a chorar, com as lagrimas nos encontramos na vida, por mais que um momento de felicidade pretenda contrafazer algumas vezes o destino do homem.

Mas hoje, quando a nossa consciencia e a nossa memoria recuam aos tempos da nossa infancia; quando vemos ao lado da cruz pulverizarem-se as castas, partir-se, élo a élo, a cadeia do escravo, brotar do seio de Deus o mandato do amor d'uns aos outros, reconciliando os individuos e povos, não choramos as desgraças d'um Deus, mas abençoamos essa cruz que ha fecundado o espirito da humanidade, para o bem, para a paz, para o progresso e para a liberdade.

A igreja desconfundindo, á custa de sangue, de martyrios e de seculos, o escravo do patricio, prometendo eguaes direitos a estas duas classes, veio dar o golpe, mais fundo e certo, sobre o colosso do paganismo, preparando terreno para a moderna civilisação. Infiltrando na sociedade antiga os germens da egualdade civil e religiosa dos fieis perante Deus, abriu caminho á ideia da liberdade perante a consciencia e da fraternidade perante o amor.

Assim desbravada a consciencia da sociedade pagã, travando luctas contra a prepotencia dos cesares, salpicando com o sangue do martyrio os amphitheatros, sobrepondo á ponta do chicote do senhor, a convicção do ideal christão da liberdade, o christianismo brotou do sangue dos seus

filhos e mostrou ao mundo como o fogo d'um ideal arreigado derrete as ferropias d'uma escravatura secular.

Seculos passados, o feudalismo succede ao cesarismo e a sociedade retrocede aos tempos da escravidão.

Mas ao lado dos castellos feudaes, erguem-se os municipios, reavivando a luz da vida civil, gerações inteiras decaladas e desanimadas.

Nos tempos modernos, todas as luctas, todas as explosões da alma popular, todos os estrebecimentos que sentimos a cada passo debaixo dos pés, como o refervir de vulcão latente, são arrancos da consciencia humana com a sede sempre da liberdade. Mas nós hoje nadamos perdida-mente na crise d'uma abundancia de liberdade.

Beramos-nos liberdade e nós não soubemos nsar d'esse direito sem des- cambarinos na licença.

Não é esta aquella liberdade, aquella santa liberdade que nasce da consciencia da egualdade que todos sentimos quando, olhando uns para os outros, dizemos: aquella mais rico, mais sabio, mais feliz do que eu, é tanto como eu perante Deus e perante a patria. E meu irmão nos deveres, nos direitos e regalias.

E esta união de sentimentos, fonte de toda a dignidade pessoal e de toda a politica social, devia reforçar-se no amor da patria e no desinteresse de cada um.

Mas hoje esquecendo e despresando a Religião que desde de Deus, nem ao menos ella fora substituída por outra religião, que deve ligar os homens uns aos outros, que tem um altar no fundo do coração e que é a religião da patria.

Hoje todos são sacerdotes na religião do interesse, todos ministram nas aras do Egoismo.

A patria, mãe sacrosanta que nos ha dado a vida, os sentimentos mais nobres, as ideias mais arreigadas, as saudades mais doces, synthetisa n'um só amor todos os amores. Mas o amor da patria torce-o hoje o calor do interesse pessoal mais baixo, merca-deja-se hoje na praça do egoismo politico mais grosseiro.

Todos, vendendo a sua dignidade politica, escravos sempre das suas paixões partidarias, vendem com a patria a sua consciencia pelo prato rude das lentilhas da vaidade.

Se a sociedade portugueza gyra assim fóra dos seus eixos da paz, do progresso e do altruismo, é porque a liberdade não se chegou a encarnar em todas as instituições, não fecundou ainda em todos os corações a semente do amor fraternal. Tem sido uma mentira na boca de todos os politicos, uma bur-la nas promessas de todos os libertadores.

Sendo o homem naturalmente livre, a sociedade deve fundamentar-se na liberdade. A verdadeira liberdade que devia reger as sociedades e nortear a politica, que é a vida social dos povos, devia dar-nos a noção clarissima dos nossos actos; devia ser o instrumento poderoso dos nossos destinos, para atingirmos o nosso fim e aperfeiçoarmos a nossa entidade moral.

Ditados os povos que usassem da liberdade, se no coração tivessem guardado, como n'um santuario inviolavel, não uma repreza de odios, invejas e traições, mas a bondade que sanctifica e a caridade que perdão.

A liberdade é o idolo do nosso seculo.

Caia, pois, sobre nós todos a liberdade, mas saibamos ser livres, não abusando das regalias da nossa liberdade. E Deus que estendeu sobre todos os homens o manto azul do céu, estenda sobre nós todos o manto candido da liberdade que saiba respeitar os direitos liberaes do proximo e que como o sol benefico fecunde os nossos actos para o bem e illumine as nossas intenções para o dever.

Seja uma liberdade que moralise os individuos, porque moralisará os povos.

E os povos que desprezarem as prescripções da moralidade, em todos os transees da sua vida politica, jamais chegarão a ser povos livres.

Em poucas palavras

Ferrer

Ainda hoje voltamos a fallar do... *santo* anarquista, tão elogiado e commovidamente querido dos nossos republicanos.

A nossa insistencia visa apenas a abrir os olhos a muita gente, afim de ver que raça de heroes são esses que elles tanto incenam e... *reclamam*.

E assim, conhecido bem o estofito d'uns, mais facilmente se poderá aquilatar, com uma certeza segura, de que nobresa e bellas primores de educação, dignidade e caracter são os outros.

Ferrer que juncou de cada veres e ruinas o solo de Barcelona e que os republicanos portuguezes tanto exaltam, não passa d'um baixo *apanhador* de heranças.

Uma senhora rica com quem o exaltado anarquista se pôz em relações, foi victima das suas artimanhas e hypocrisias a ponto de lhe legar em testamento a sua immensa fortuna, que o fez duas vezes milionario!

Ella, toda caritativa e religiosa, fallou-lhe um dia em crear e dotar um asylo para creanças e incumbiu-o d'isso.

Ferrer apoiou, achou mesmo a ideia excellente.

E para lhe mostrar talvez, que não só era crente, mas tambem presava muito que ella fosse dotada dos mesmos religiosos sentimentos, offereceu-lhe uma imagem em ponto grande, de Nossa Senhora!

De forma que occultando, mascarando assim a sua irreligião com a piedade, conseguiu abiscoitar-se com os bens e dinheiros d'essa enganada millio-

naria! Foi assim que elle se ar-ranjou!

E quanto ao asylo ainda hoje se espera e esperará eternamente por elle!

Ora aqui teem a grandeza do *santo*, que para ali vêm cano-nisando os nossos vermelhaços, desde o papoila estoiradinho e secia até ao gravata de chapeu, casaca, pose e tom... anti-de-mocraticos.

E é a favor d'um homem d'estes que a republicanagem se empenha e... empinal.

Povo! acautella-te!

Os republicanos santificam o assassinio e o roubo. E' o que estás vendo!

Será então muito que tenhas em guarda contra elles a tua vida e os teus haveres?

Não! A prudencia o aconselha emquanto aquellas mioleiras não fôrem bem refrescadas pelo vento de muita moralidade, vergonha e bom senso.

«A Patria»

Deu agora em escrever cartas aos... padres. Desconchavos. Cartas não.

Outro dia publicou ella sendeira epistola, subscriptando-a a um padre.

«A Verdade» de Oliveira do Don-ro, deu-lhe em resposta uma bella tosa, que a «Patria» moeu em silencio, até que a «Discussão» dissesse, que aquillo fora uma coisa fallha de geito e d'argumentos!

«A Patria» animada então com o veredictum favoravel da... collega, pion n'uma localista, que intitulou: «um quiproquo», pretendendo insultar a «Verdade» e dar-se como desco-nhecida d'aquelle jornal, quando era certo ter-se a «Patria» referido a elle *n'essa* mesma carta!

O medo... nos poltroes gera sempre d'estas incongruências.

Mas quando a «Patria» assim fugia vergonhosamente ao inimigo, agarrou-a este pela gola do casaco e lançou-lhe em rosto a sua negra covardia, deixando-a sem falla!

Ora leiam que vale a pena:

«Minusculo»

«Minusculo é um livre pensador dos quatro costados, auctor d'uma *carta a um padre*, publicada no jornal «A Patria», semanario republicano d'Ovar, e á qual respondi em 15 d'Agosto ultimo. Os leitores recordam-se?

Pois esse Minusculo, a quem dei provas de rara corteza, chegando ao extremo de lhe aceitar o «tu» sum-mario de companheiros de escola, acabi de me pregar uma desfeita como nun-a apanhei em minha vida!

Eu a julgar que me tornava agradável annuindo ao seu desejo de *pal-estrar* com um padre, e o figurão a pespegar-me uma roda de abelha, acompanhada de movimentos desordenados das plantas inferiores! Ingrato!

Se ao menos me descompozesse em carta reservada... mas n'um postal, e de mais a mais dirigido a terceira pessoa... Ora leiam e digam se não tenho razão de queixa:

UM QUIPROQUO

«A Discussão», incidentalmente, falla da discussão travada entre «A Verdade» e «A Patria».

Ha erro. Nunca nos demos a relações com essa occorrença catolica, e quanto a ouvir-lhe as hostilidades—não grãda. Discussões,—quando o antagonista nos appareça consoante o exige o que somos, aceitamos; caso contrario—rua! Queira emendar o collega.»

Com que assim, meu grande Minusculo, não era comigo que se entendia a tua carta a um padre?

Então com quem ora, rico moço?

A carta não fallava no meu nome, lá isso não; mas tanto não era preciso, para teres direito a minha resposta.

Querias referir-te ao padre em geral? Tanto peor, porque injuriavas uma classe inteira, e n'esse caso qualquer dos seus membros tinha direito de te rebater a petulancia. E tu, se estivesse seguro do que affirmavas, devias sustentar-o fosse com quem fosse.

Isto é que é hombridade; o contrario é covardia.

Mas vem cá, que te quero espremer até aos ossos; quero applicar-te o torniquete da logica.

Se não era a mim que te dirigias, para que agradeceste a «Luz do Operario» a transcriçã das tuas habeseiras e as amáveis referencias que lá se faziam, com vista aos redactores da «Verdade»?

Perque não procedeste com aquelle jornal como agora procedes com a «Discussão»? O caso explica-se: é que então ainda não tinhas a minha resposta, nem a esperavas, talvez.

Quero que digas ainda para que citaste na Carta a um padre o nome do jornal em que escrevo, se não querias relações com tal *escorrença catolica*?

Responde, meu homem.

Que te appareça consoante o exige o que és?

Mas quem és tu, que não dizes o teu nome?

Eu só te conheço pelos desconchavos que vomitaste em publico, e só a elles respondi, sem demandas de linguagem. Não tenho que inquirir da tua pessoa o bens, porque os teus pergaminhos, sejam quaes forem, não te dispensam de proceder correctamente.

Não, fuja, meu valentão, não voltes assim as costas, depois de me teres vindo assobiar á porta.

Se eu te houvesse corrido á pedra, razão terias para largar a desfilada, deixando pelo caminho vestigios da tua valentia; mas não.

Eu recebi-te de bom humor e com ar muito prasenteiro, dando-te o meu nome, sem perguntar pelo teu.

Perque foges assim?

Não querias que te despontasse as sandices?

Vamos, confesso que és sendeiro, e toma o lugar que te pertence ante o rebotalho da imprensa.

P.º A. M.»

Pois apesar d'esta licção de mestre, volta a «Patria» agora a deitar epistola a um padre, sobre o santo Ferrer!

E' outro acervo de incoherencias e... hypocrisia. Nem vale a pena perdêr tempo a analisar a e refutal-a palavra por palavra.

Desmascaremos, porém, a petulancia.

Para que se não castigue o criminoso anarquista cita a «Pa-

tria» gostosa, triumphantemente os preceitos divinos do evangelho que diz: «não matarás»—«amai-vos uns aos outros».

Mas então já se não lembra dos ditirambos que teceu ainda ha pouco aos assassinos do rei e do principe covardemente espingardeados n'uma rua de Lisboa, em 1 de fevereiro do anno passado?

Não se lembra que até publicou uma poesia de «Finis patriæ» em que se prophetisava o assassinato do rei D. Carlos a tiro? E com que alegria?!

Pois não vê—oh! vergonha!—que ainda deve ter molhada a penna com que traçou a apologia da obra do proprio Ferrer, que dizia n'uma das suas circulares ao povo de Barcelona: «se alguém se oppuzer á vossa obra (de incendiar e destruir) matai-o e passai por cima d'elle!»

Ora diga: e isto é que é ser cumpridor dos preceitos do evangelho que diz: «não matarás?» é isto seguir aquella maxima do divino martyr: «amai-vos uns aos outros?»

E prega ao padre: «não matarás».

Não é ao padre, não é ao crente na divina palavra que é preciso apontar o texto sagrado. Elles muita vez a recordam pregando e fazendo pela a incutir no coração do povo.

Semeiam-n'a a dentro das escolas, onde a creança balbucia as primeiras letras e os rudimentos da fé e da moral; incutam-n'a nos templos aos adultos bem intencionados e bons, e revivem-n'a nas enxovias ao ouvido rebelde do criminoso, d'alma devastada pelo fogo das paixões ruins e endurecida por perniciosas e anti-sociaes doutrinas immorales e atheistas.

E vós, ó santa republicana-gem, fazeis vós o mesmo?

Acreditaes vós no evangelho? ensinail-o ou permitis que se ensine ás creanças das vossas escolas?

Não.

E vindes fallar-nos, hypocritas, das suas «predicas de paz e fraternidade»!

«Não matarás!»

Mas que tendes vós feito, que pretendis vós se não reduzir ao silencio da morte os vossos adversarios?

E' celebre a frase condimentada com tripas de frades e gasganetes reaes.

E ainda não vai longe o dia em que nos comieos republicanos se pregava ás turvas: «já todos sabem como se liquidam reis!»

E é esta gente que vem dizer... ao padre: «não matarás!»

São os padres que pedem sangue! são elles que teem feito correr sangue para se lhes dizer: não matarás?

O impudor republicano!

Que Ferrer pretendeu sustar a guerra com Marrocos—dizeis vós—por causa das muitas victimas que iria causar.

Nunca a mentira recebeu mais cabal e peremptorio desmentido!

Ferrer não queria victimas! e dizia ao povo: «é preciso destruir esta sociedade decadente!»

Ferrer não queria sangue e aconselhava a multidão desvai-

rada: «se se vos opuser alguém, matai e passai por cima.»

Ferrer não queria a guerra!

Mas elle com outros apostolos da anarquia proclamava á onda dos proletarios: «segni, matai, morrei!»

Ora a guerra é isto precisamente!

Não era portador, não, do ramo da paz quem atecava assim o facho da mais execravel de todas as guerras: a guerra civil, de irmão contra irmão!

E basta.

E' preciso ter calo na paciencia para aturar estes imbaidores do povo que os lê... já que elles os teem na consciencia e na... cara para não terem nem escrupulos, nem sequer ao menos vergonha.

A escola salesiana

Só agora é que o «Jornal d'Ovar» e a «Patria» arregalaram o olho sobre esta escola!

E lá de... acabar, dizem elles, porque é anti-hygienica.

Que diabo! Então n'esse caso... vae a infancia da nossa terra ficar ás escuras, quanto a instrucção, porque dentro da villa não existem de certo duas escolas que não devam ser truncadas em nome da saude da infancia!

Mas não é por motivos de hygiene que aquelles dois amigos das... creanças pedem a extincção da escola de Sales. Não.

O motivo é o seu amor ao ensino do cathecismo que lá se ministra.

Isto quanto á «Patria». O «Jornal d'Ovar»... esse, coitado, pretende... retalição...

Uma vingancasita, dizem para ahí, que por causa d'uma... gera!...

Miserias!

Mas o que é mau é que por meras questões particulares, venham a causticar tantas creancinhas, levando a fechar-se uma escola em condições hygienicas analogas a algumas officinas, que para ahí vivem sem serem atacadas, nem sequer lembradas!

Tenham juizo, senhores, e aprendam a ser justiceiros e equitativos.

Querem reforma?

Pois bem. Façam-n'a d'alto abaixo. Assim, mostram só que são... muito pequeninos! anõesitos... d'alma!...

Do «Diario Illustrado»

Um nosso dedicado e valioso correligionario, o sr. Amadeu Peixoto Pinto Leite, iniciou em Ovar, como noticiamos ha dias, a publicação d'um semanario a que poz o titulo de «Regenerador Liberal» e pelo que se propõe defender os ideaes do nosso partido e fazer activa propaganda do nosso credo politico.

O novo jornal apresentou-se brilhantemente redigido e, obedecendo aos processos de combate seguidos sempre pela imprensa regeneradora liberal, mantem a mais completa correcção e lealdade no ataque e na defesa.

Pois a imprensa local, segundo temos visto no nosso presado collega, tem-lhe movido uma guerra feroz e seguido para com elle processos incorrectissimos, retroquindo ás suas palavras de cumprimento com as maiores grosserias. Cremos que apenas um d'esses jornaes tem procedido com correcção, muito embora sejam diferentes os ideaes que defende.

Claro está que não nos surprehende a attitude d'esses jornaes, attitude que se explica pelos motivos que tivemos occasião de expôr a proposito

da indignação que assaltou varios illustres membros da Camara dos Deputados, levando alguns a dar nós nos lenços para afastar o agouro, quando se falou na possibilidade de ser um dia governo o nosso partido.

Não é pois para estranhar o facto, que a elle fizemos referencia, mas apenas para, a esse proposito, apresentarmos ao nosso illustre collega «Regenerador Liberal» a expressão da nossa viva sympathia e do nosso mais entusiastico applauso pela sua attitude e pelo modo como tem sabido responder á deslealdade e descortezia dos seus antagonistas.

Muito agradecidos ao collega pelas suas boas palavras; mas não nos desalentou a hostilidade... malcreada de parte da imprensa vareira, pois já a conheciamos bem, para que nos não surpreendessem o seu procedimento para com quem vinha para a liça abroquelado por uma bandeira immaculada e cheio de auctoridade para combater toda a casta de immoralidades, erros e infamias.

Eramos o sonho mau da gente d'essa imprensa, ainda antes de apparecermos á luz d'esta ribalta, mas agora somos o seu pesadello.

Temos d'isto a certeza; estamos por isso armados e prevenidos de muita coragem e paciencia para lutar e marchar sempre com impavidez e serenidade.

HORAS D'OCIO

N.º 2

No dia 15 de Novembro, de 1909, fazem annos Antonio e Joaquim; porém o primeiro faz 18, quando o segundo faz 7

Em que anno é que Antonio terá o dobro da idade de Joaquim?

Resposta ao n.º: 1: 5 h 20'

Figueira, 1—10—909

M. E.

Cavaqueira amena

—Truz truz...

—Quem bate?

—Faça o obsequio de me dizer se mora aqui a sr.ª D. «Patria»?

—Sou eu mesmo. Que é preciso?

—Venho fazer-lhe uma visita, Madrinha. Abra-me a porta.

—Madrinha?! Eu nunca fui á igreja, como é que sou madrinha?

—Não que eu fui baptisado em casa, mesmo antes de nascer.

—Como te chamas?

—Abra a porta, que logo me conhece pela cara.

—E's macho ou femea?

—Sou macho, mas não dou coices.

—Mas como diabo te chamas tu?

—Ora! a Madrinha bem sabe o nome que me poz.

—E tu a dar-lhe e a burra a fugir. Trazes alguma coisa para me dares?

—Trago a offerta do baptisado...

—Sim? Então deixa ficar ahí na soleira da porta, que eu mando... recolher.

—Mas eu queria tomar-lhe a sua santa benção...

—N'esta casa não ha benções, ha só maldições. Vae ao teu padrinho que te abençõe, se quizer.

—O meu padrinho é o seu compadre ali da loja, mas... não está em casa.

—Pois eu tambem não estou para te aturar. E tanto mais que não te conheço.

—Então a Madrinha não me conhece pela fala? Olhe que eu sou o seu afilhado «Retrocesso»

—Retrocesso? Será possível! Pois tiveste o arrojo de nascer com vida, depois das alfinetadas que te dei pelo umbigo materno?

—Eu lhe explico, Madrinha; as picadelas que me deu foram ao direito d'um buraquinho que tenho, salvo seja, ao fundo das costas; fizeram-me cocegas, muitas cocegas, mas não me aleijaram...

—Vingaste, maldito? Pois aqui não entras.

—Então porquê, Madrinha?

—Porque nesta casa não se quer quem retroceda. Fora, carangue, o!

—Mas olhe que eu já mudei de nome para lhe apparecer: chamo-me «Regenerador Liberal».

—E's thalassa? Ah maldito, que vieste ao mundo para me atormentares! O mar te coma, olha tu?

—Valha-me Deus! Se está incommodada, fica para outra vez. Quando poderei voltar?

—Vae para o inferno que é logar quente.

—O' Madrinha, não diga isso. Havemos de ir ambos para o Céu.

—E é carola, demais a mais! Que maldita praga me havia de apparecer!

—Olhe, ó Madrinha, ao menos prometta que me visitará a meudo, para sabermos da nossa saúde. E' na rua da Graça, sabe?

—E moradora na rua da Graça, o maldito! Não ha que ver; estou desgraçada.

—Então que me diz?

—Some-te, maldito! Não me appareças nem me conheças. Olha que, se vou lá fóra, como te d'um só bocado.

—Ingrata «Patrial» os meus ossos é que tu não chincas!

Almiro.

Echos de Vallega

Segundo as ultimas palavras dos «Echos» da semana transacta, hoje devia concluir a entrevista, que tive, e que deu ensejo áquellas singelas linhas sobre as funestas e desastradas consequências da falta de Fé.

Mas antes de terminar, quero que o leitor, despido de preconceitos e que só aspira á verdade, reflecta bem sobre o argumento negativo que pode aduzir d'aquelle trecho da Historia Franceza.

E na verdade, se a falta de Fé causou taes e tantos horrores, esphacelando um imperio tão colosso, esboroando um throno tão solido, petrificando de descrença a Filha Primogenita da Igreja e anarchisando a patria de S. Luiz, pondo-a em riscos de desaparecer para sempre do horizonte das nações, podemos concluir d'estas premissas, fornecidas pela historia, com todo o rigor logico que a fé é um principio fecundo de prosperidade social.

E senão, compulsemos a historia de todos os povos; leiamos as douradas paginas d'essa grande mestra da vida, e, onde vimos brilhar o luminoso facho da fé, ahí veremos reinar a harmonia entre os diversos individuos da mesma sociedade e dominar a paz entre os diversos povos, respeitosos dos direitos das gentes; ahí veremos uma sociedade composta de homens cordatos e probos que sacrificando-se pelo bem-estar de todos, promovem incançavelmente o desenvolvimento das sciencias e das artes; ahí veremos, n'uma palavra, o bem, a

paz, o progresso e a prosperidade dourarem a existencia d'um povo tão feliz, porque se acolherá a sombra benéfica da Fé.

Não cabe nos estreitos e acanhados ambitos d'um artigo dizer o que foi Portugal, o leão dos mares e o assombro da Europa, enquanto ardia nos espiritos dos seus filhos o lume vivo da Fé. Ahí está a historia que, em factos maravilhosos, mas verídicos, nos descreve o periodo aureo da nossa patria.

N'esses tempos, tão remotos, de que só nos restam saudosas recordações, em que esta estreita facha de terra obrou prodigios de bravura e assombros de audacia, a Fé era a estrella que guiava os navegantes portuguezes nas suas arremetidas contra as furias do Oceano; era o escudo que os abroqueleava contra a sanha infatigavel dos barbaros e infieis; era a ancora que os sustentava contra as tempestades continuas da descrença. Foi n'esses tempos de Fé, que Portugal estendeu o seu imperio mais do que Alexandre Magno e emprehendeu conquistas superiores ás dos Romanos.

Foi n'esses tempos de Fé, que Portugal, qual nau alterosa, sulcou mares nunca d'antes navegados, conquistando terras para o seu Rei e homens para a Cruz. E hoje?

Hoje que a Fé se banii quasi do espirito portuguez; hoje que se alcunha de reaccionario o homem, que tem ainda o bom senso de tirar o chapéu ao passar deante d'uma igreja; hoje que se degrada de todos os seus graus o official, que recusa bater-se em duello para não atropelar as leis da Igreja; hoje que é considerado como amotinador do povo e assassino da liberdade alheia o jornalista, que ainda tem a ousadia de pôr a sua penna ao serviço do altar e do throno; hoje, emfim, que se empregam meios para deschristianisar de todo o povo portuguez, quasi nos vimos a braços com uma anarchia que ha-de, talvez, riscar para sempre do mappa das nações este jardim á beiramar plantado.

Mas não é só a historia patria que nos regista esta verdade incontestavel.

Quando tentava esboçar estes palidos traços, trouxe-me o correio um semanario religioso que, embora inconscientemente, veio corroborar as minhas asserções: No artigo do fundo, epigraphado «Um estado modelo», apresentava algumas considerações sobre o Governo na Belgica que, durante vinte e cinco annos que se encontra no poder, «fez da Belgica, desgobernada durante tantos annos pelos liberaes, um imperio de commercio e industria, levando-a a tal grau de progresso e esplendor que bem pôde dizer-se com toda a verdade que hoje marcha triumphantemente na vanguarda da civilisação!»

«D'uma nação pequena pela sua extensão territorial fez um grande povo, grande pela industria, grande pela illustração e grande pela educação civica de seus filhos». Para realizar esta transformação não precisou de ir buscar formas novas de applicação duvidosa e de mais duvidoso exito.

No Evangelho de Christo encontrou o verdadeiro programma do progresso indefinido... Eis ahí a razão dos seus triumphos.

Debalde, porém, procuraremos estes melhoramentos, esta felicidade entre um povo descrente, governado por homens ainda mais descrentes.

Ahi só reinará a desharmonia, a insubordinação e a desordem entre os individuos da mesma familia, entre as familias da mesma nação e entre as nações do mesmo territorio.

S, pois, onde brilha a fé apparece a paz e a felicidade e onde reina a descrença campeia a perturbação, a guerra e a morte, como a historia comprova e ninguem pode negar nem professar o mais repugnante scepticismo, a Fé não pode deixar de ser a verdadeira e genuina fonte de prosperidade social, porque uma arvore má não pôde dar bons fructos; não pôde deixar de ser filho de Deus, porque os seus fructos são bons e só Deus é a fonte de todo o bem.

Se assim não fosse, a Fé teria desaparecido deante da guerra desesperada e crua que lhe move a impiedade de todos os tempos. Mas porque ella se funda na palavra divina, cada combate tem-lhe importado um triumpho e cada triumpho uma esmeralda engastada em sua corôa de Gloria.

Vallega, 3—X—909.

Jospin.

Historia das violetas

Ao principio as violetas
Eram todas d'uma côr:
Eram roxas, côr da tunica
Que tinha Nosso Senhor.

Eram tão roxas, tão tristes
As pobres das violetas...
Formou-as Deus á feição
Do coração dos poetas.

E disse assim: «Violetas!
Na terra vossa missão
E' serdes roxas e tristes
Como um triste coração.»

Mas houve um dia um Poeta
Que tinha por sua sina
Amar e não ser amado
Por uma linda menina.

Passava a vida chorando,
Fazendo as suas cantigas;
Qu'rendo bem a Deus e aos homens,
Muito mais ás raparigas...

E diz-lhe um dia a menina
Por amor de o ver penar:
«Traz-me violetas brancas:
Depois te virei a amar...»

Caminha o triste Poeta,
Terras e terras que andou!
Mas lá violetas brancas
Foi cousa que não achou...

N'uma noite de luar
Que, de tão lindo, par'cia
Ser um perfeito sorriso
Da Virgem Santa Maria.

Despedido d'esta vida,
Metteu se por um jardim...
Lagrimas que n'elle chorava
Não tinham conta nem fim.

«Como ha de o sol ter doçura,
Nas pedras haver amor?!
Digam lá ao sol que pare,
A' lua que dê calor!»

E assim dizendo e chorando,
Suas lagrimas cahiam
Sobre roxas violetas
Que da côr desmereciam...

Chora lagrimas de sangue,
Desmaia de tal soffrer...
E quando voltou a si,
Já vinha o sol a nascer.

Abre os seus olhos, e vê,
Coisa de maravilhar!
Tantas violetas brancas
Como de ondas tem o mar.

Pois que em lagrimas lavado
Da triste côr as lavou:
Achando assim entre lagrimas
Aquillo por que chorou...

E emfim, aquella menina
Quando tal milagre viu,
Promessas d'amor fizera,
Promessas d'amor cumpriu.

E assim se fez um milagre,
Que bem no podia ser:
Pois quem amar faz-se Santo
Pelas penas que soffrer...

E depois de lida a historia
Quantos a lerem dirão:
«Louvado seja quem ama
Da raiz do coração.»

Antonio Correia d'Oliveira
(«Raiz» pag. 49)

BOLETIM ELEGANTE

Fizeram aunos:

Na segunda-feira ultima o nosso dedicado amigo e valioso correligionario sr. Antonio Augusto d'Abreu. — No mesmo dia o nosso amigo e assignante sr. Antonio Alves da Cruz, de S. Vicente.

Está entre nós, vindo de Taboado, onde esteve parochiando aquella freguezia, o nosso amigo e assignante sr. Padre Antonio Dias Borges.

Regressou hontem da praia de Espinho á sua casa de S. Vicente, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, o nosso bom amigo sr. Antonio Alves da Cruz

Carteira de Vallega

Com brilho superior ao dos annos transactos realisou-se no Domingo, 3 do corrente, a festividade do S. S. Rosario. No sabbado, vespuras da festa, tocou no Largo da Igreja a philarmonica Ovarense algumas peças do seu repertorio, queimando-se durante esse tempo algum fogo de vistas.

No domingo, ás 11 horas e meia da manhã, principiou a missa solemne com sermão pelo Rev.º Alves de Rezende e S.S. exposto. De tarde, ás 3 horas e meia, principiaram vespuras solemnes, ás quaes se seguiu sermão pelo Rev.º Abbade da freguezia, Sr. Conselheiro Caetano Fernandes, que teve phrases d'um effeito teliz e surprehendente. Em seguida saiu uma luzida procissão, em que se encorporaram varias irmandades e associações, terminando com a benção e encerração do S.S.S. A decoração do templo esteve a cargo do sr. Henriques, armador d'esta freguezia.

P.

Proprietario da Typ. «Ovarense»
Plácido Augusto Veiga

TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica actualmente, tanto na fabrica, como no caes da Ribeira, ou em wagon na Estação de Caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª 21\$000 — 2.ª 16\$000 — 3.ª 13\$500 reis

Esta fabrica é a mais moderna e a mais completa da Europa. A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor



PROPRIETARIOS

Peixoto, Ribeiro & C.^a

Uma visita á (2) PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passeio Alegre, 27 e 29

—* ESPINHO *

Todos os trabalhos photographicos
Retratos em porcellana
Retratos coloridos: oleo, aguarella e pastel
Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim
Miniaturas a oleo para medalhas, e que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidades, etc., etc. Officina mechanica de cartogramen photographica moderna.
Ampliações e reproducções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados.
Preços sem competencia

ESPINGARDAS DE CAÇA (3) E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, tornando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os sistemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a Casa LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta vende.
Chegou tambem o sortimento de Cartuchos de caça e para tiro aos pompos—Accessorios de caça e pesca

Praua «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorvelceiras etc., etc., etc.
Casa Lino
40—Praça de D. Pedro—41

(4) Agua do Barreiro

Cura radicalmente a «anemia», a «chlorose», as «doenças de estomago» e «menstruações dificeis»

Deposito em OVAR: Viuva de SILVA CERVEIRA.

PAPEIS PARA FORRAR CASAS

(5) Das principaes fabricas estrangeiras, acaba de receber um variado e importante sortido ao deposito da fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178—Rua de Santo Antonio—180

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de cortinas, cartões para estuque, bonds, paineaux decorativos, etc., etc.

Vidraría S. Bento (6)

—de—

MANOEL ALVES BARBOSA

Praça Almeida Garrell, 20

—* PORTO *

Especialidade em christaes, vidrarias diferentes, porcellanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

Baguetes, caixilhos, espelhos, etc

MACHINAS DE COSTURA

FRISTER & ROSMANN

As mais suaves e resistentes

A unica no mundo sem rival!

* Vendas a prompto pagamento e a prestações semanaes *

Unico depositario em PYAR—AMERICO PEIXOTO

Ha tambem sempre machinas de costura marca antiga que a casa vendia por preços mais baratos que em outra qualquer casa

Ensina-se a bordar GRATIS

NINGUEM COMPRE MACHINAS SEM PRIMEIRO VISITAR O MEU ESTABELECIMENTO

ONDE SE ENCONTRA ALÉM DAS CELEBRES MACHINAS FRISTER & ROSSMANN UM SORTIDO

De miudezas taes como oleos, agulhas, algodões e setas para bordar

Concertos gratis em todas as machinas comp adas em

nossa casa sendo "estes feitos em casa do freguez"

Grandes descontos aos revendedores

FRASCOS DO LITRO 20 REIS

AGULHAS 15 REIS

deppkov emm